



# MIGUEL- -MANSO

Foto: Filipe Bonito

## CASAMENTO DE BANGKOK

disse-me

aprendi o essencial de tailandês  
para não me perder na rua  
saber o que vou comer nos restaurantes  
dizer-lhe que a amo

mas não o suficiente para  
lhe explicar o porquê

por isso  
aponto com o olhar as árvores do  
pomar  
são o nosso pequeno resguardo  
de beleza

seguimos o perfume  
ela sabe

In *Contra a Manhã Burra*,  
Edição do autor, Maio de 2008, p. 67.

## O GORILA INVISÍVEL

leitor — lépido multiplicador  
de esquecimentos — que porventura  
[examinaste

o dom e a mácula destes versos  
brancos

terás visto o gorila?

In *Persianas*,  
Tinta-da-China, Abril de 2015, p. 196.

## 53 PRESENCAS XIV RETIRADAS

18

Quando sobre um jovem autor se redigem excessivas loas ao resultado dos seus primeiros trabalhos o provável é crescerem nele, mais tarde, graves disfunções orgânicas de origem acumulativa. Para evitar certas patologias e combater o inchaço patológico (tumefacção) é necessário usar-se sem atrasos lancetas de sangria. A punção resultará, a breve trecho, do modo seguinte: desinflama, descongestiona, desintoxica, tranquiliza, neutraliza o ilustre mas silenciado Síndrome do Pânico, transversal à classe. É então indispensável que sobre esse autor caiam já as piores desonras e agravos, venham eles do blá-blá-blá autorizado, ou da sarjeta de comentários de um blogue. A sangria trará benefícios e é conveniente ao autor, difamado pela invidía e rancor, que passe por isso inalterado. Não se trata de doação de sangue. Não é uma colheita. Além da lanceta, é habitual recorrer-se a sanguessugas. O autor deixa à mostra um pedaço de si que acumulou mais matéria e elas vêm alimentar-se.

In *Um Lugar a Menos*,  
Edição do autor, Março de 2012, p. 32.

**MIGUEL-MANSO** (Santarém, 1979) estudou desenho e fez um curso de Técnico de Biblioteca e Documentação. Entre as várias ocupações, destaca-se recentemente a de instrutor de karaté. Estreou-se na poesia em 2008 com o livro *Contra a Manhã Burra*, ao qual se seguiram quatro volumes agrupados na colecção *Os Carimbos de Gent*. Recebido desde o início com forte entusiasmo crítico, publicou na *Relógio D'Água*, em 2013, a antologia *Tojo: Poemas Escolhidos*. Em 2017 surgiu *Rosto, Clareira e Desmaio*, libreto que esteve na base de um espectáculo teatral. Co-realizou, com João Manso, o filme-documentário *Bibliografia*. O seu mais recente livro intitula-se *Mortel* (do lado esquerdo, 2018).

**DIGA 33**  
poesia no teatro  
às terças-terças-feiras  
de cada mês

Programa elaborado por  
**HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO**

5

2018  
TEATRO DA RAINHA

henrique  
manuel  
bento fialho  
nuno moura  
joão paulo  
estes  
da silva  
paulo  
da costa  
domingos  
manuel a.  
domingos  
carlos  
alberto  
machado  
miguel-manso  
pedro mexia  
miguel de  
carvalho  
rui costa  
andre corréa  
carvalho  
margarida  
vale de gato  
claudia souco  
pasco david  
helena vieira  
m. parissu  
jaime rocha



# PEDRO MEXIA

Foto: Miguel Manso

## IDENTIDADE

A identidade, como a pele,  
renova-se, perde-se de sete  
em sete anos, muda no mesmo  
corpo, torna diferente  
a permanência humana.  
A identidade é a soma  
das intenções, uma foto  
instantânea para um propósito  
imediatos que não dura.  
A identidade é um equívoco  
para camuflar o coração.

In *Duplo Império*,  
Edição do autor, Dezembro de 1999, p. 51.

## «DÊ SANGUE»

Dê sangue,  
mas não necessariamente  
o seu,  
dê por exemplo o sangue  
sacrificado em vão,  
o sangue do tédio,  
o sangue  
que faz falta,  
dê o sangue dos corpos  
que se dão  
porque alguém pede.

In *Eliot e Outras Observações*,  
Gótica, Março de 2003, p. 80.

## OS MEUS DEMÓNIOS

Os meus demónios  
tratam-me pelo nome.  
Os meus demónios  
são legião e não desertam.  
Os meus demónios  
obedecem a todas as ordens  
e a nenhuma vontade.  
Os meus demónios  
começaram por ser meus  
por afinidade e agora  
são parentes de sangue.  
Os meus demónios  
é que escrevem os poemas.

In “Vida Oculta”,  
Relógio D’Água, Novembro de 2004, p. 80.

## ÁGUA

À água lançado  
para que aprenda,  
imagem antiga de que cruel  
benévolo vizinho estival?  
Faz-te à necessidade, miúdo,  
a vida vai apanhar-te  
a meio, braçadas vigorosas  
e uma apneia exímia.  
Tive frio e medo,  
estava excluído da brincadeira  
que era eu: nada, diziam, nada.

In *Uma Vez Que Tudo Se Perdeu*,  
Tinta-da-China, Novembro de 2015, p. 51.

**PEDRO MEXIA** (Lisboa, 1972) é formado em Direito. Desde cedo dedicado ao jornalismo, é cronista e crítico literário. Integra, desde 2008, o painel do programa Governo Sombra. *Duplo Império* (1999) é considerado o seu primeiro livro de poemas, embora se tenha estreado anteriormente com publicações entretanto excluídas da bibliografia oficial. Além de poesia, publicou vários volumes de crónica, diários e a peça teatral *Nada de Dois* (2009). Traduziu Martin Crimp, Robert Bresson, Tom Stoppard e o poeta Hugo Williams. O seu livro mais recente é a colectânea de crónicas intitulada *Lá Fora* (Tinta-da-China, 2018). É, desde 2016, consultor para a cultura da Casa Civil do Presidente da República. Coordena a colecção de poesia das Edições Tinta-da-China.

## PRÓXIMA SESSÃO 19 DE JUNHO

com  
**MIGUEL DE CARVALHO**  
autor, livreiro antiquário,  
editor na Debout Sur L’Oeuf

Henrique  
manuel  
bento falho  
nuno moura  
joão paulo  
estesves  
da silva  
paulo  
da costa  
domingos  
manuel a.  
domingos  
carlos  
alberto  
machado  
miguel-manso  
pedro mexia  
miguel de  
carvalho  
rui costa  
andre corréa  
carvalho  
margarida  
vale de gato  
claudia souco  
pasco david  
helena vieira  
m. parissu  
jaime rocha